

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Gustavo Corção

(Publicado no Diário de Notícias de 24-10-1965)

A CRISE ocorrida na Universidade de Brasília oferece ao governo uma boa oportunidade de efetuar uma espécie de seleção natural, sem os inconvenientes e delongas das comissões de inquérito. Os professores revoltosos fazem greve, demitem-se em massa, contando com a repercussão de LE MONDE e outros órgãos do mesmo tipo, e contando sobretudo com a proverbial moleza dos brasileiros. Ou contando com a reação indígena que fala em "terrorismo cultural", cada vez que um reitor quer punir algum aluno rebelde ou algum professor relapso. Anos atrás houve na Faculdade Nacional de Filosofia um inquérito vergonhoso, promovido pela própria Congregação, para apurar as responsabilidades de um professor e de um grupo de defloradores e chantagistas, que trocavam facilidades nas provas pela desonra das moças desprotegidas. Nesse inquérito, apuradas nitidamente as responsabilidades, e apurado o nome do professor que dirigia a equipe de chantage-sexual, um professor teve a ideia humanitária, dialogante, compreensiva, liberal, de propor abafar o escândalo e rasurar o nome do professor criminoso. Seria, quem sabe? Terrorismo cultural demitir o professor ou prendê-lo. O chefe da equipe estudantil, recusado pelo professor Eremildo Viana para o cargo de assistente do famigerado agente comunista Vieira Pinto, era um rapaz que na continuação das tolerâncias brasileiras e católicas, foi acabar, onde está: lecionando, num estabelecimento do governo, e dando aulas de Filosofia Contemporânea numa Universidade Católica.

A Universidade de Brasília, como ninguém ignora, nasceu torta e carregada com o ônus terrível da infiltração comunista. Agora oferece-se uma oportunidade de começar de novo, e por isso aplaudo o ministro que declarou disposição inflexível de resistir às chantagens dos subversivos. Na minha opinião, e duvidando que algum democrata verdadeiro possa de algum modo contestá-la, a pior infiltração comunista, depois daquela que se realizou no clero, é a que infeccionou nossas pobres universidades. É uma tristeza e uma vergonha, deixar os estabelecimentos de ensino universitário oficiais, entregues a qualquer filosofia, ou a qualquer ideologia. É intolerável a ideia de uma aula de marxismo ou de determinismo histórico, sustentada com o nosso dinheiro. Chego a admitir que alguém possa ensinar marxismo ou técnica comunista, num país democrata. Creio que uma sociedade agente esse tipo de estupidéz e que talvez seja melhor agüentar do que procurar uma reação purificadora que se transformara inevitavelmente numa espécie de inquisição. Mas o que não posso admitir é a oficialização de tais cursos dentro de Universidades, com professores pagos por nós. Será preciso lembrar que uma Universidade não é um mero conjunto de Escolas do Nível Superior? Os que enchem a boca com Universidade, transformando-a numa mística, deveriam exigir alguma unidade para que a coisa assim denominada não seja um puro aglomerado de estabelecimentos de ensino. De onde virá a unidade da Universidade? Só pode vir da concepção geral da vida, digamos, da religião e da filosofia. Sendo assim, nos dias de hoje só poderiam existir dois tipos perfeitos e antagônicos de Universidade: a Católica e a Comunista. Entre êsses dois modelos, com unidade dada pe-

pelas respectivas concepções da vida e do mundo, as Universidades oficiais, governamentais, deveriam contentar-se com uma definição mais fraca, mas ainda assim, eliminatória da espiritualidade marxista: deveriam ser estruturadas em torno de um humanismo democrático e cristão. Uma universidade liberal, no sentido de completa indeterminação de filosofia, ou de concepção da vida e do mundo, deixa de ser universidade. E daí se tira, com fácil raciocínio, a obrigação moral em que estão os reitores de eliminar os professores marxistas e os alunos agitadores que usam o linguajar que vimos no manifesto dos estudantes de Brasília. Mais depressa concordaria com uma verba de bilhões para manter no Planalto uma Universidade ostensivamente marxista e comunista. Quando digo que valeria a pena gastar esse dinheiro para comprar a nitidez e para acabar com a impostura que agora vicia as nossas Universidades. Vou até mais longe, e chego a achar que valeria a pena separar uma área de nosso território para quem quizesse aí fazer experiências comunistas. Poderiam, até, erguer um muro, uma cortina de ferro para aprisionar os que lá dentro caíssem. Tudo isso, por mais fantástico que pareça, é menos fantástico do que admitir e propagar a idéia imbecil de uma democracia que se compraz em encorajar e pagar seus inimigos dentro das Universidades, onde milhares de moços esperam ter ambiente tranqüilo e digno para trabalhar.

